

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO ARTES VISUAIS**

Rayza de Paula Orlando

**CONSTRUÇÃO DE UMA AUTOCONVIVÊNCIA:
A prática da pintura no desenvolvimento da identidade**

Belo Horizonte
2023



Rayza de Paula Orlando

**CONSTRUÇÃO DE UMA AUTOCONVIVÊNCIA:
A prática da pintura no desenvolvimento da identidade**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado junto ao Curso de Artes
Visuais, da Escola de Belas Artes da
Universidade Federal de Minas Gerais
como requisito parcial para obtenção do
título de Bacharel em Pintura.

Orientador: José Márcio de Oliveira Lara

Belo Horizonte
2023

Trabalho de Conclusão de Curso intitulado CONSTRUÇÃO DE UMA AUTOCONVIVÊNCIA: A prática da pintura no desenvolvimento da identidade, de autoria de Rayza de Paula Orlando, apresentado na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, pela banca examinadora constituída pelos seguintes membros:

Prof. Dr. José Márcio de Oliveira Lara - UFMG – Orientador

Prof. Janaina Thais Rodrigues Luiz - UFMG

Belo Horizonte, 07 de julho de 2023.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha irmã Thamyres Orlando, minha pessoa favorita no mundo e que me vê como um espelho. Desejo que meu trabalho inspire ela a ser quem ela quiser, sem medo de impor sua opinião e que saiba respeitar as opiniões contrárias.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por todo apoio moral e financeiro, confiança nas minhas escolhas e desejos, por respeitarem minha opinião, por me ensinarem a não ter medo de julgamentos e por me fazerem sentir amada e importante.

À Professora e artista Janaína Rodrigues pela paciência, didática e carinho no modo de lecionar, e por me ajudar muito com a ansiedade, separando a obrigação da vontade de fazer, e a entender que o ócio é uma parte importante para o meu processo criativo.

Ao meu parceiro Gustavo Gediel que me incentivou a continuar quando quis desistir e fazia questão de me levar para a faculdade quando não tinha condições de pagar passagem e de ficar comigo me esperando quando tinha crise de ansiedade.

Ao meu amigo e ator formado em teatro pela UFMG Márcio Murari, por me mostrar todas as possibilidades que a UFMG pode proporcionar, com isso pude conhecer o Pará e a Paraíba na convenção de arte "ENEARTE", visitar as universidades federais desses estados e interagir com diversos artistas e diferentes lugares do Brasil.

Ao professor, artista e meu orientador José Lara, pela confiança e paciência dedicada em mim e compreensão com as minhas dificuldades quanto a elaboração desse trabalho para que eu pudesse concluir o curso.

Agradeço muito a esses dois professores que me deram a oportunidade de atuar como monitora na disciplina de Bidimensionalidade II, em que aprendi a orientar discentes em técnicas de pintura, acrescentando positivamente na minha formação.

*O ontem é história, o amanhã é um mistério, mas o hoje é uma dádiva.
É por isso que se chama presente.*

Kung Fu Panda

CONSTRUÇÃO DE UMA AUTOCONVIVÊNCIA



RESUMO

Cresci e aprendi com a arte, o qual percebo a relevância das memórias para a construção da identidade. Assim, este trabalho apresenta como percurso metodológico uma pesquisa prática-referencial, um relato de experiência em que crio uma reflexão mesclando o saber pessoal com o processo artístico, visando demonstrar a construção de uma autoconvivência, por experimentação, e para tal estabeleci conexões entre as memórias pessoais com componentes das atividades acadêmicas e criação das obras que remetem à minha vivência e maturação, constituição da minha história interligada com a arte. Concluo que autorretratos nos ajudam na valorização e construção de si, a se encontrar e se tornar o que realmente pretende ser, visto que se aprende a aceitação, eleva a autoestima, e em contrapartida apresentamos o que gostaríamos de evidenciar, e dessa forma, processo de autoconvivência é contínuo complexo e extenso.

Palavras-chaves: artes visuais; memória; autoconhecimento; reflexo.

ABSTRACT

I grew up and learned with art, which I realize the relevance of memories for the construction of identity. Thus, this work presents as a methodological route a practical-referential research, an experience report in which I create a reflection merging personal knowledge with the artistic process, aiming to demonstrate the construction of a self-existence, through experimentation, and for that I established connections between the personal memories with components of academic activities and creation of works that refer to my experience and maturation, the constitution of my history intertwined with art. I conclude that self-portraits help us to value and build ourselves, to find ourselves and become what we really intend to be, since acceptance is learned, it raises self-esteem, and in return we present what we would like to show, and in this way, the process of self-existence is a complex and extensive continuum.

Keywords: visual arts; memory; self-knowledge; reflection.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	11
2.	MEMÓRIAS QUE ME TORNAM EU – A memória faz a imagem e a imagem constrói a memória.....	12
3.	DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO CRIATIVO E DO FAZER ARTÍSTICO – Diário de bordo.....	16
4.	O CORPO FEMININO COMO OBRA.....	25
5.	AUTORRETRATO COMO FORMA DE AUTOCONHECIMENTO.....	39
6.	LISTA DE IMAGENS.....	42
7.	REFERÊNCIAS.....	43

1- INTRODUÇÃO

Nunca sei como ou por onde começar. Ontem, antes de dormir, eu sabia, fluiu tudo na minha cabeça, mas não passei para o papel, então agora só tenho os fragmentos, então com eles vou tentar escrever.

Não escolhi fazer Artes Visuais de primeira, na verdade eu não tinha ideia que existia um curso assim. Foi minha mãe quem me falou sobre ele e fiquei muito empolgada com essa possibilidade. Então, me dediquei para fazer a graduação de Artes Visuais na UFMG.

Nesse sentido, este trabalho apresenta como percurso metodológico uma pesquisa prática-referencial, um relato de experiência em que crio uma reflexão mesclando o saber pessoal com o processo artístico, embasado por outros autores em alguns conceitos chaves.

Pretendo demonstrar a construção de uma autoconvivência, por experimentação, e para tal estabeleci conexões entre as memórias pessoais com componentes das atividades acadêmicas e criação das obras que remetem à minha vivência e maturação, constituição da minha história interligada com a arte.

Dessa forma, a temática é relevante por buscar aprofundar e evoluir individualmente através do processo artístico, e nessa busca por autoconhecimento, esse trabalho divide-se em etapas que elucidam uma breve introdução, seguida das memórias que me tornam *eu*, o desenvolvimento do processo criativo e do fazer artístico, as obras mulheres no banheiro e o autorretrato como forma de autoconhecimento, bem como as considerações finais.



Figura 1 – Fotografia de Albúm de Infância, 2001. Arquivo pessoal.

2 - MEMÓRIAS QUE ME TORNAM EU – A memória faz a imagem e a imagem constrói a memória

Tenho memórias a partir dos 4 anos, e dessa época tenho lembranças de como a arte está ligada a mim. Assistia minha mãe bordando desenhos e escritas em toalhas para alguém da família que estava para nascer, ou meus avós maternos fazendo colares de pedrinhas semi preciosas (ametista, onix, olho de tigre, quartzos, cristal e etc.) para vender, e do meu pai que sempre fazia desenhos e esculturas para mim.

Aliás, meu pai pintou personagens de desenhos animados que eu gostava de assistir na parede do meu quarto, e o meu nome em madeira na "estante" de brinquedos, que ele mesmo fez (Figura 1).



Figura 2 – Fotografia de Albúm de Infância, 2001. Arquivo pessoal.

Desde sempre, lembro-me de ter muito apoio dos meus pais. Meus primeiros desenhos foram rabiscos nas paredes de toda a casa. Lembro também de quando cresci um pouco mais e meus pais decidiram pintar a casa... minha mãe chorou por estar apagando meus desenhos, mas mesmo assim continuei a desenhar, porém apenas nas paredes do meu quarto, em folhas ou em revistas de colorir que minha mãe comprava para mim praticamente toda semana.

Cresci e aprendi com a arte. Acredito que faço o que faço por incentivo e apoio dos meus pais, tanto para quando estou animada com algo que tenho vontade de fazer quanto para desistir sem julgamentos e sendo acolhida se precisar.

O Dicionário de Língua Portuguesa Michaelis define memória como a faculdade de lembrar e conservar ideias, imagens, impressões, conhecimentos e experiências adquiridos no passado e habilidade de acessar essas informações na mente (MICHAELIS, 2023).

Priscila Matos e Paulo Scortegagna (2013) afirmam que a memória é feita de imagens que unem passado e presente, superando as barreiras do tempo. Essas autoras ainda citam Antonio Donizeti da Cruz (2011, p. 33-34), que menciona sobre a memória ter o poder de ativar ou reter as coisas, e fazer parte da vida, ou seja, somos feitos de certa forma de memória, que são as próprias lembranças e esquecimentos. Katia Canton (2017) explica que a evocação do corpo, da identidade e da memória pessoal na arte, representa resistência e demarcações de individualidade.

Percebe-se a relevância das memórias para a construção da identidade visto a capacidade que o ser humano tem de conservar e relembrar experiências, e assim, memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia (LE GOFF, 2013, p.435).

Michael Pollak (1992) enxerga uma ligação estreita entre memória e *sentimento de identidade*: as fronteiras de identificação de um grupo são estabelecidas "em referência aos outros" (POLLAK, 1992, p.5). Dessa forma, é interessante destacar como característica da memória, tanto individual como coletiva, o caráter mutante, sobretudo, por eventos pessoais, podendo assim, a memória sofrer flutuações com o decorrer do tempo.

Diante de todo contexto, e por memórias serem falhas, optei por registros, e minha opção se direcionou sobre o diário de bordo, por ser uma importante ferramenta para a criação dos projetos que vão virar imagens, sendo primordial suporte, por desenvolver, enriquecer e fundamentar as práticas artísticas.

3 - DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO CRIATIVO E DO FAZER ARTÍSTICO – Diário de bordo

O uso dos diários de bordo remonta a séculos. Eles existem desde o início da navegação e foram usados como instrumentos para marinheiros e comandantes de expedição. Trata-se de um caderno que permite à tripulação registrar/anotar tudo o que acontece durante a viagem, ou seja, toda a informação relevante (CONCEITO.DE, 2023).

No contexto da produção artística um dos objetivos é facilitar o registro durante as atividades no ateliê, permitindo ao artista refletir sobre a prática e procedimentos técnicos do seu trabalho autoral, e assim, Fernando Távora (1960) elucida:

O Diário de “bordo” não reflecte apenas o prazer e os sacrifícios, também presentes. Transparece sempre a consciência de viagem em serviço, particularmente no que interessa ao momento da Escola de Belas Artes (TÁVORA, 1960, p. 8).

A relevância do diário na prática artística se reflete como um suporte onde se pode desenhar, pintar, colar, escrever/descrever, poetizar/registrar vivências, idealizar projetos, pode ser um companheiro do artista, no qual as obras e fazeres surgem e podem ser desdobrados em configurações para outros projetos (SILVA; LAMPERT, 2015).

Particularmente, Tharciana Goulart da Silva e Jociele Lampert (2015) sintetizam meu uso do diário de bordo, visto que me ajuda a organizar os pensamentos, direcionar os interesses, construir planejamentos e focar no processo para trabalhar em uma pintura. Esse desenvolvimento do processo criativo é complexo, pois penso que ocorre antes da decisão da criação da tela. Minha mente não para de trabalhar enquanto a ideia criada não é finalizada.

Assim, corroboro com Silva e Lampert (2015), onde meu diário de bordo é uma forma de organização do pensamento que pretende concretizar a reflexão, pois faz parte do meu espaço/tempo criativo como artista. Também percebo que há uma ligação intrínseca entre meu diário de bordo e o desenvolvimento do processo criativo, já que é a via que ainda utilizo para elaboração dos meus projetos.

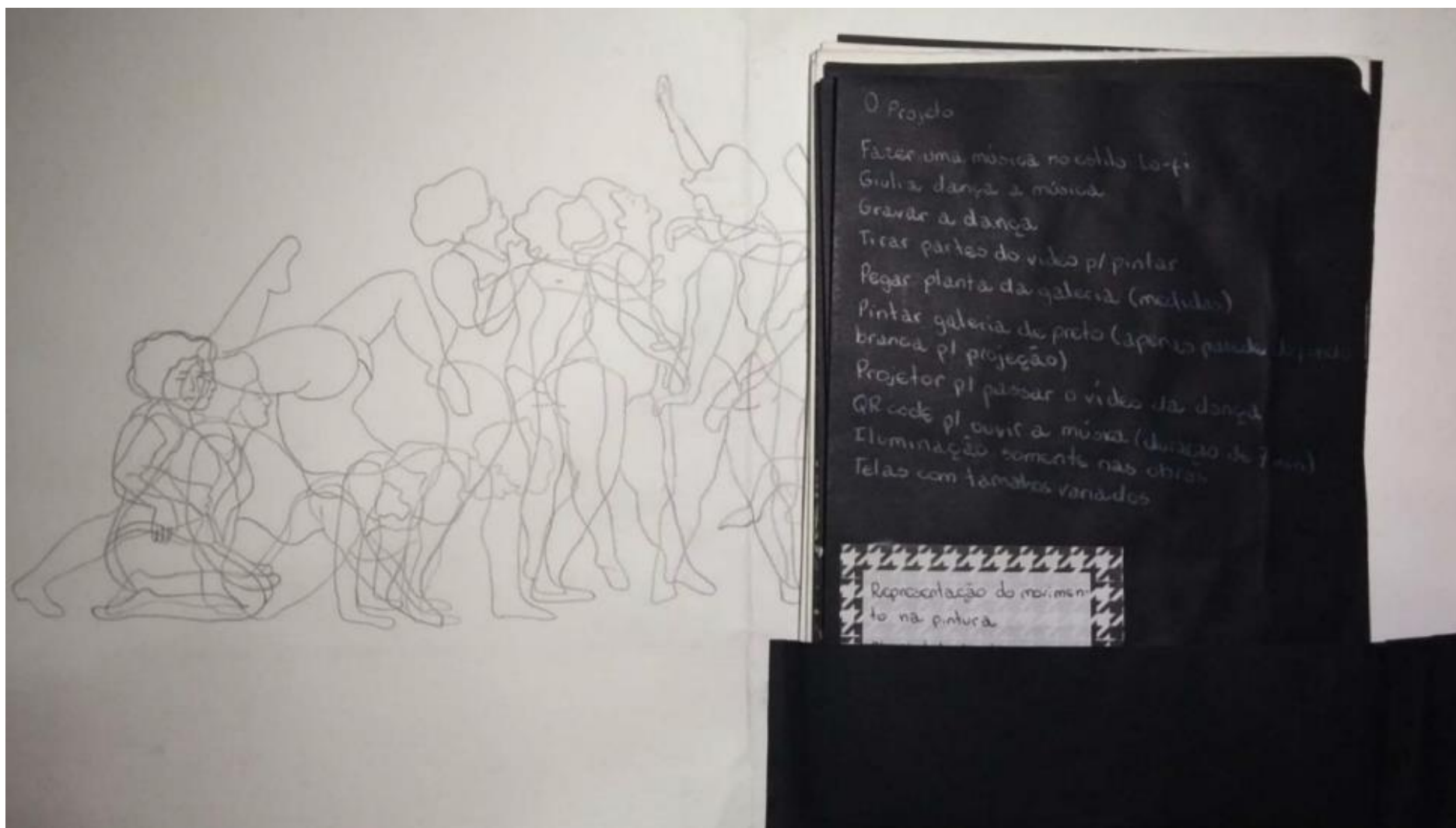


Figura 3 –Diário de bordo, 2019. Arquivo pessoal.



Figura 4 – Diário de bordo, 2019. Arquivo pessoal.



Figura 5 – Rayza Orlando. *Linguagem Corporal*, 2019. Acrílica sobre tela. 100 x 200 cm.



Figura 6 – Fotografia : Yasmin Medeiros. Apresentação Pintura Projeto, 2019. Arquivo pessoal.

Regina Lara Silveira Mello (2008, 2012) descreve que pensar em processo criativo significa pensar em movimento, em alguma coisa dinâmica, fluida, que acontece no tempo, é animado por aspectos perceptuais e afetivos que por sua vez influenciam a criação em diferentes intensidades. Ademais, é a construção de uma obra de arte a partir de sua materialidade, como relata Cecília Almeida Salles (2011):

O processo criativo provoca modificações na matéria-prima escolhida fazendo com que essa ganhe artisticidade. Os objetos utilizados nas apropriações nas artes plásticas são exemplos absolutamente concretos do que estamos discutindo – colocados em contexto artístico, passam à arte. São escolhidos, saem de seu contexto de significação primitivo e passam a integrar um novo sistema direcionado pelo desejo daquele artista. Ampliam, assim, seu significado e ganham natureza artística. Isso nos leva a afirmar que a expressividade artística não é intrínseca a esta ou aquela matéria-prima. Sob esta perspectiva, todas têm potencialidade, tudo depende do uso que será feito dela (SALLES, 2011, p. 77).

Relacionar o processo criativo ao tempo da criação, indica a possibilidade de estabelecer etapas, como fases distintas e identificáveis. Observa-se que os artistas expressam lutas internas, identificam falhas, testam possibilidades, até encontrar os resultados esperados (MELLO, 2008; MELLO, 2012).

Nesse sentido, meu processo criativo foi um percurso em que fui me descobrindo, o que considero curioso, já que tenho tanta insegurança e vergonha em falar sobre mim. Fiz meu primeiro autorretrato na disciplina Bidimensionalidade II, e nunca tinha parado para pensar que foi aquela pintura que deu início à minha pesquisa (sobre mim). Ficava me perguntando quando iria ter meu próprio "estilo" já que muitos dos meus colegas já tinham uma linha de trabalho e pesquisa, e me sentia atrasada, porém progredindo sem que eu percebesse.

Quando fiz esta pintura (Figura 7), não estava pensando muito em conceitos e porquês, estava mais interessada em aprender as técnicas e me dando um desafio de fazer a minha própria imagem, o que nunca havia feito. Não pensei em espelhos apesar de ser eu espelhada em mim, também não pensei em como aquela pintura iria elevar minha autoestima. Hoje olho para essa pintura e vejo como evolui, muito em técnica, e mais ainda em autoconhecimento.



Figura 7 – Rayza Orlando. Sem título 2018. Acrílica e Têmpera sobre tecido 90 x 90 cm.

A partir desse autorretrato, surgiram outros, tantos autorretratos quanto outras pinturas de corpos femininos, e nesse contexto, desde então, por intermédio de outras experimentações em diversas disciplinas, e com um olhar referenciado pelas obras de Jenny Saville e de Alex Katz, nas quais me inspiro pelo conceito de um e pela técnica de outro, respectivamente, dei início ao projeto de pinturas que se representam a corpos femininos.

Jenny Saville é uma artista inglesa nascida em Cambridge em 1970. Seu trabalho geralmente lida com retratos de mulheres nuas e grotescamente pintadas (Figura 8). Saville desenvolveu uma carreira em técnicas de pintura a óleo, principalmente em um estilo figurativo influenciado por Lucian Freud (POSADA, 2011; ART.E, 2023).

Suas pinturas desafiam os ideais de beleza tradicionais e questionam as representações convencionais do gênero. Retrata corpos volumosos, muitas vezes exibindo uma visão realista e visceral da figura humana. As suas obras frequentemente apresentam figuras distorcidas e formas corpóreas ampliadas, criando uma sensação de intensidade e presença física. Desta forma, as suas obras de arte abordam temas como a identidade, a sexualidade, a vulnerabilidade e a percepção da beleza



Figura 8 – Jenny Saville, 1995, 1996.

(P55.ART, 2023).

Alex Katz é um artista norte-americano nascido em 1927, sendo uma figura central da tradição da pintura auto-reflexiva americana, para a qual a assonância de racionalidade, sensualidade e abstração é característica. O artista retrata motivos aparentemente desapaixonados da vida da cena intelectual e artística de Nova York e da bem situada sociedade de lazer de uma forma icônica em formatos monumentais. Em suas pinturas, Alex Katz alcança essa estética fria de um presente imediato, que ele encontrou na observação da luz e das superfícies enquanto desenhava. A vivacidade da linha expressiva dos desenhos anteriores é mantida, reduzida e aperfeiçoada pelas diversas técnicas de transfer, no estilo gestual dos quadros (ALBERTINA, 2014).



Figura 9 – Alex Katz. *Black Hat 2*, 2010.



Figura 10 – Rayza Orlando. Sem título, 2018 Têmpera vinílica sobre compensado. 40 x 30 cm.

4 – O CORPO FEMININO COMO OBRA

Não foi uma escolha consciente criar pinturas de corpos femininos diversos no banheiro, inconscientemente buscava por aceitação e autoconhecimento. Comecei a pintar corpos que eram semelhantes ao meu com o intuito de me reconhecer e me amar. Inicialmente pintar esses corpos foi motivado pela experimentação com várias técnicas e pela procura por referências de corpos com diferentes formas. Por isso em nenhuma pintura (além do primeiro autorretrato) aparece o rosto. Afinal, nunca vemos o nosso próprio rosto sem ser por fotos ou no reflexo do espelho, ficando assim o foco principal das pinturas entre o pescoço e os joelhos.

O corpo feminino em si carrega marcas históricas e sociais. Desde o momento em que se identifica o sexo biológico de um feto como feminino, começamos a passar por diversas situações cheias de imposições sexistas, impondo determinados estereótipos e papéis sociais que condicionam nosso futuro comportamento (VENÂNCIO, 2019). De acordo com Vitória Gomes Venâncio (2019), com sua percepção, vivenciada por muitas mulheres, também em mim, surgiu o desejo de olhar para o corpo enquanto mulher em buscar de autoconhecimento.

Os temas do corpo feminino nas produções artísticas são métodos de questionamento da produção contínua de corpos perfeitos, e da forma e status hegemônicos da beleza, evitando categorias impostas e verdades indubitáveis. Em todas estas criações, as mulheres continuam a viver intempéries de mudança, contudo determinadas a quebrar a tirania que as oprime (BARRETO, 2013). É necessário mostrar as desigualdades, é preciso criar a beleza inesperada, as interfaces do estranho, do ansioso, do corajoso, do audaz.

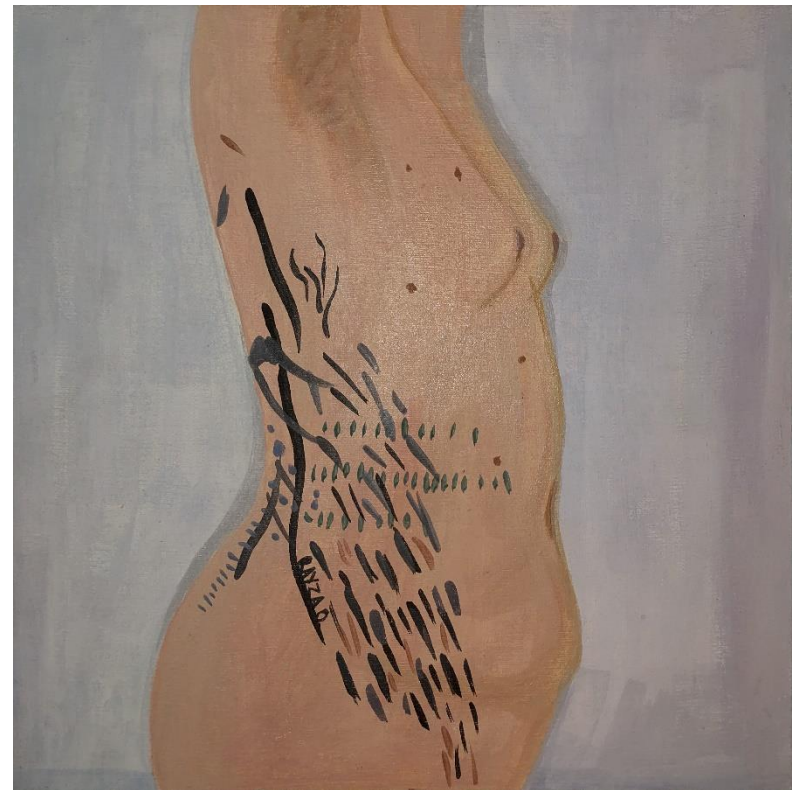


Figura 11 – Rayza Orlando. Sem título, 2018 Têmpera ovo sobre compensado. 30 x 30 cm.



Figura 12 - Rayza Orlando. Sem título, 2018. Óleo sobre tela. 30 x 30 cm.

Tenho como referência de espaço doméstico as obras de Ana Elisa Egreja onde a artista elabora cenas nada convencionais e previsíveis. Suas criações partem da fotografia. Identifico-me na forma de planejamento de imagens, pois Egreja manipula suas fotos fazendo colagens e montagens para criar nos espaços domésticos.

Egreja se inspira em decorações, azulejos e estampas; memórias de casas e lugares. Ambientes utópicos e imaginários criados nos ambientes privados, a partir de elementos e objetos domésticos, de alguma forma, subvertem aquilo que se espera de uma representação desses espaços (REBESCO, 2020).



Figura 13 – Ana Elisa Egreja. *Banheiro rosa com polvos*, 2017.

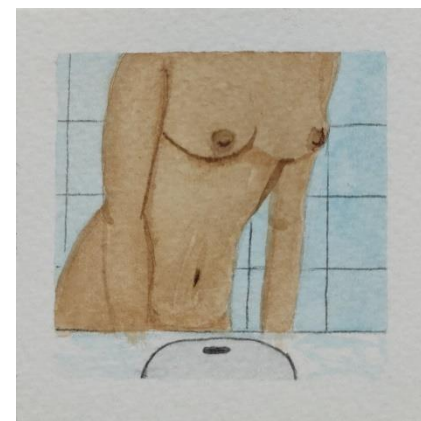
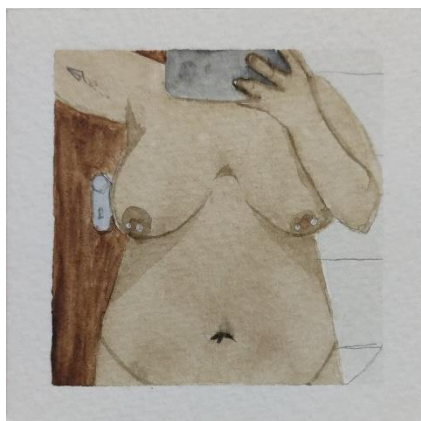
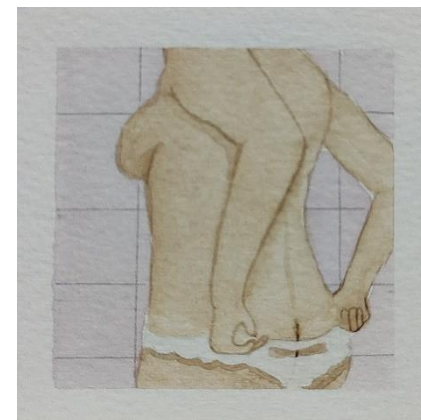
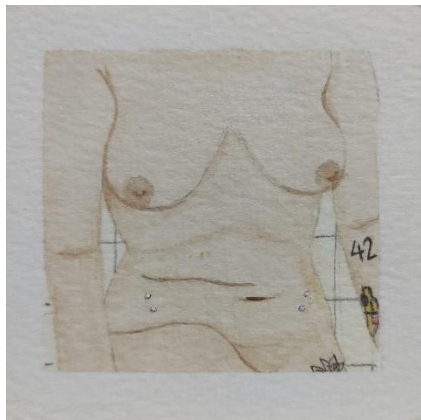


Figura 14 – Rayza Orlando. *Mulheres No banheiro*, 2019. Aquarela sobre papel 7x7 cm.

A escolha do banheiro foi por ser um lugar da casa que pude usar para tirar a foto que precisava para fazer este autorretrato (Figura 12). Gostei bastante do resultado e comecei a usar como fundo para os meus corpos, e pelo fato de dividir um quarto sem porta com a minha irmã desde os 8 anos. O banheiro era o único lugar que possuía privacidade, assim conseguia ficar a sós comigo e minha intimidade. Costumava trocar o dia pela noite e por haver só um banheiro em casa, gostava de tomar banho de madrugada. No *box* do banheiro tem um espelho, que antes eu via mais defeitos do que qualidades. O fundo das minhas pinturas sendo um banheiro não é um acaso e nem uma escolha inconsciente, ele foi pensado nesse lugar de intimidade e privacidade, livre dos julgamentos externos, mas onde os internos que podem ser revertidos com um autocuidado.



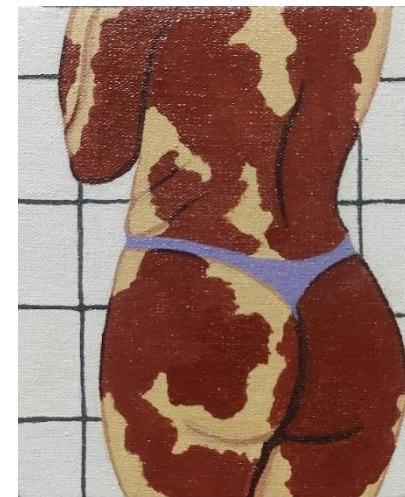
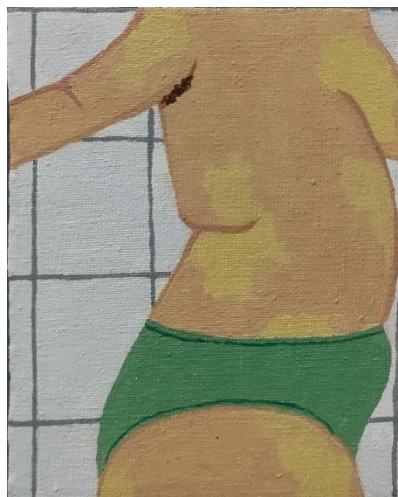
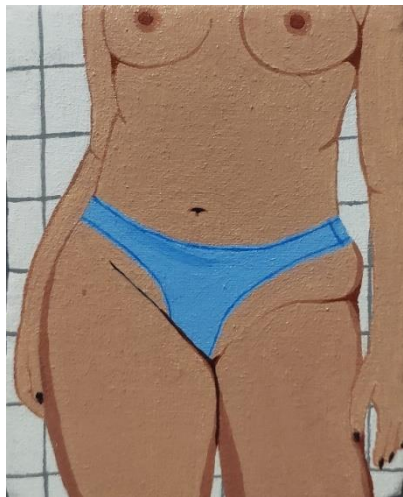
Figura 15 – Rayza Orlando. *Mulheres No banheiro*, 2019. Aquarela sobre papel 7x7 cm.



*Detalhes Figuras 14 e 15



Figura 16 – Rayza Orlando. *Mulheres no Banheiro*, 2020. Acrílico sobre tela, 10 x 12 cm.



*Detalhes Figuras 16

Quanto à imagem do espelho, ao longo da história, normalmente se relacionou com a questão do belo e, por extensão, com a identidade feminina, intimamente com os discursos identitários da mulher, pois ele funciona como um termômetro da beleza para o sujeito que se olha; ele age, no quadro, como um elemento não verbal que se inscreve no núcleo dos discursos sobre a beleza e a feminilidade – ele é seu símbolo maior (MAZZOLA, 2011).

O reflexo da imagem sempre despertou curiosidade e encantou o ser humano. Por isso, após descobrir que a água podia refletir sua própria imagem e do que estava a sua volta, foi questão de tempo até o homem criar algo capaz de fazer isso: o espelho (JJI VIDROS, 2021).

Jean Chevalier (2020) em o Dicionário de Simbolos, entre tantas descrições, ressalta:

O que reflete o espelho? A verdade, a sinceridade, o conteúdo do coração e da consciência: "como o Sol, como a Lua, como a água, como o ouro", lê-se em um espelho do museu chinês de Hanói, seja claro e brilhante e reflita aquilo que existe dentro do seu coração. Esse papel é utilizado nos contos iniciatórios do Ocidente, no ritual das sociedades secretas chinesas, na narração de Novalis, Die Lehringe zu Sais, no poema de Mallarmé:

Ó espelho!
Água fria pelo tédio em teu quadro gelada
Quantas vezes e durante horas, desolada
Dos sonhos, e buscando minhas lembranças que são
Como folhas sob teu vidro de poço profundo
Apareci-me em ti como uma sombra longinqua
Mas, horror! certas noites, em tua severa fonte
Conheci a nudez do meu sonhar disperso!

(Herodiáde)

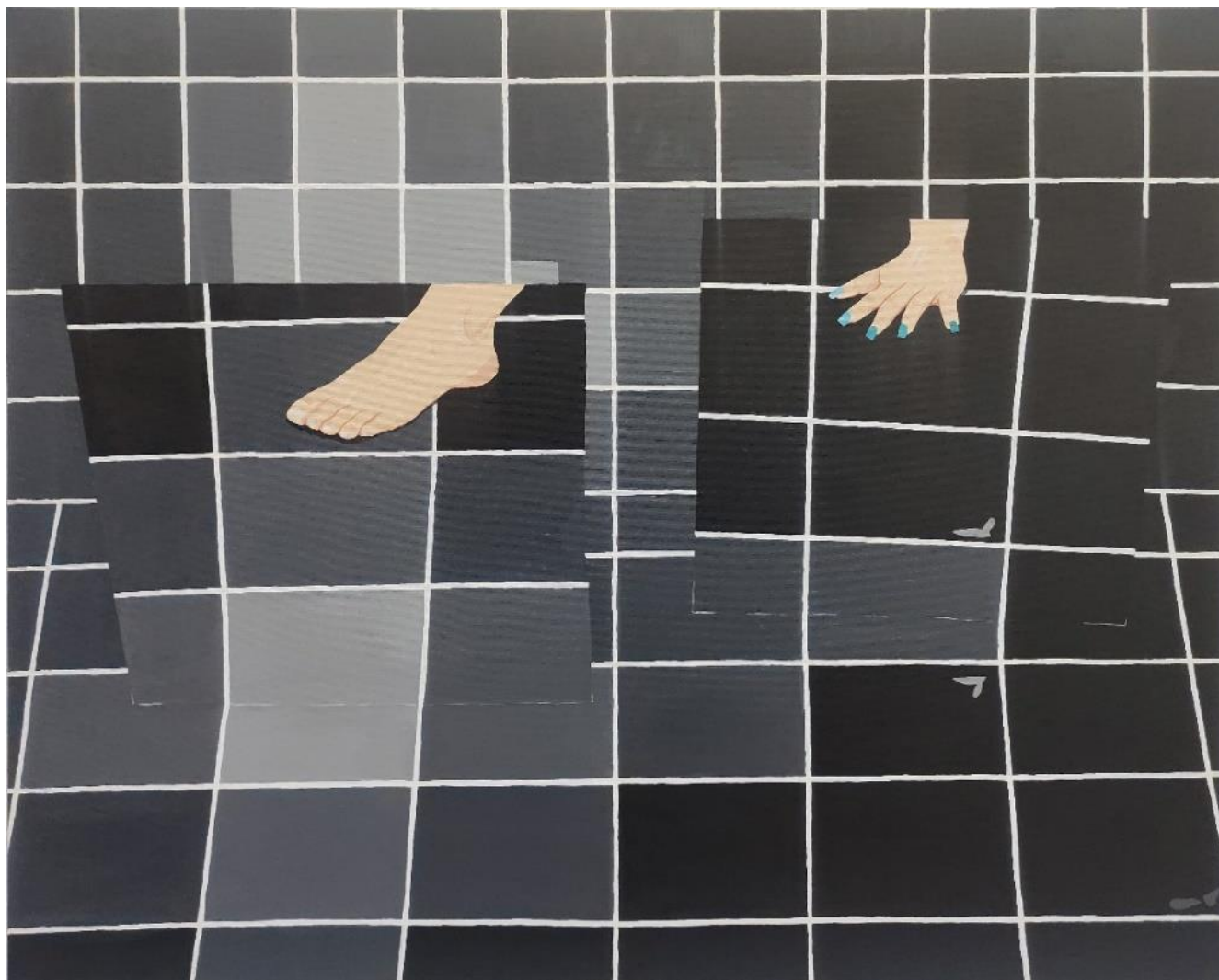


Figura 17 – Rayza Orlando. *Reflexo*, 2022. Acrílica sobre tela. 100 x 80 cm.



Figura 18 – Rayza Orlando. *Reflexo*, 2022. Acrílica sobre tecido. 115 x 75 cm.



Figura 19 – Adriana Varejão. Projeto para Instalação - *Reflexo de Sonhos no Sonho de Outro espelho*. (Estudos sobre o Tiradentes de Pedro Américo), 1998.

Em uma das minhas avaliações das disciplinas de pintura me foi apresentado o projeto da Adriana Varejão em que ela posicionava suas obras na parede que dessem a entender que aquelas telas eram espelhos. Considerei muito interessante, já que é uma das artistas que tenho como principal referência de perspectivas espaciais e representação de azulejos.

Com os azulejos, Adriana coleta fragmentos de histórias e os expõe de forma artisticamente implícita. Pode-se dizer que os azulejos foram os pavimentos das pinturas da artista, pois ladrilham e preenchem suas telas, completando as histórias contadas por ela em seus quadros, fazendo de seus trabalhos um mar de histórias, fruto de suas inspirações cotidianas e do seu encantamento a cada novo despertar (IMBROISI, 2017).

O processo de criação escolhido por Adriana para realização da obra retoma o pictórico e perpetua o corpo fragmentado por meio de imagens retalhadas pelos reflexos dos espelhos e que são, em função do seu processo de produção, impossíveis de reconstituição. Reflexos de um corpo sem identidade, destituído de informações suficientes para o reconhecimento do corpo (RIBEIRO, 2008).



Figura 20 – Rayza Orlando. Sem título, 2022. Tinta spray sobre azulejos.
8 x 8 cm.

5 - AUTORRETRATO COMO FORMA DE AUTOCONHECIMENTO



Figura 21 – Rayza Orlando. *Eu Comigo*, 2022. Acrílica sobre tela. 100 x 175 cm.

O desejo de reproduzir minha própria imagem foi surgindo gradualmente. Acredito que essa vontade estava reprimida por falta de coragem mesmo, os meus colegas me usavam muito como modelo nas aulas de desenho de observação, e me achava linda em todos os desenhos, faltava eu fazer uma versão bidimensional do meu próprio corpo.

Quando fiz meu primeiro autorretrato (Figura 7), estava preocupada com a técnica e também em esconder coisas que para mim eram imperfeições. Hoje sei que são só detalhes que fazem parte da minha história, tenho um apego por aquele autorretrato, mesmo sabendo que não fui tão sincera com minha imagem. Foi por ela que o interesse em me reconhecer e me aceitar se apresentaram.

O autorretrato sempre acompanhou o ser humano em seu desejo de registrar a própria existência e foi tomando formas diferentes no decorrer do tempo, mas sempre foi visto como uma busca de si mesmo. O processo de encontrar sentido em nós mesmos nos acompanha em todas as fases de nossas vidas (RAUEN; MOMOLI, 2015).

Segundo Roselene Maria Rauen e Daniel Bruno Momoli, a identidade pessoal também tem muito a ver com a autoestima. Saber quem somos e em quem confiamos é um aspecto importante da autoestima. Dessa forma, podemos encontrar o aperfeiçoamento pessoal e nos tornar pessoas melhores, não no sentido físico, mas no sentido que idealizamos (RAUEN; MOMOLI, 2015).

Assim como Rauen e Momoli (2015), também acredito que independentemente do meio escolhido para criar um autorretrato, os indivíduos são refletidos nas dimensões física, cognitiva, emocional, social, ética e estética. Um autorretrato é uma forma de declaração de presença em que o indivíduo expressa o que ele imagina, deseja ou aspira.

Esse autorretrato (Figura 20) tem como poética toda minha trajetória até agora. Todo os conceitos chaves que foram registrados nos meus diários e tudo que aprendi, apliquei nesse trabalho, e é um dos que eu mais gosto, o *Eu comigo* é sobre estar em minha própria companhia e das minhas gatas, curtindo um momento de solidão sem melancolia, num cômodo aparentemente vazio, contemplando e refletindo meus pensamentos enquanto seguro um espelho para me admirar.

Entendo, assim, que autorretratos nos ajudam na valorização e construção de si, a se encontrar e se tornar o que realmente pretende ser, visto que se aprende a aceitação, eleva a autoestima, e em contrapartida apresentamos o que gostaríamos de evidenciar, e dessa forma, processo de autoconvivência é contínuo complexo e extenso.

Portanto, a prática de criar autorretratos pode ser um momento íntimo de conexão individual, pois durante o processo artístico, é necessário refletir e dedicar um tempo exclusivamente para essa atividade. Isso ajuda a cultivar uma relação mais profunda e saudável consigo mesmo, contribuindo para o desenvolvimento da autoconfiança e autoestima, promovendo ainda a autonomia criativa.

LISTA DE IMAGENS

• Figura 1 – Fotografia de Albúm de Infância, 2001. Arquivo pessoal.....	12
• Figura 2 – Fotografia de Albúm de Infância, 2001. Arquivo pessoal.....	13
• Figura 3 –Diário de bordo, 2019. Arquivo pessoal.....	17
• Figura 4 – Diário de bordo, 2019. Arquivo pessoal.....	18
• Figura 5 – Rayza Orlando. <i>Linguagem Corporal</i> , 2019. Acrílica sobre tela. 100 x 200 cm.....	19
• Figura 6 – Fotografia : Yasmin Medeiros. Apresentação Pintura Projeto, 2019. Arquivo pessoal.....	20
• Figura 7 – Rayza Orlando. Sem título2018. Acrílica e Têmpera sobre tecido 90 x 90 cm.....	22
• Figura 8 – Jenny Saville, 1995, 1996.....	23
• Figura 9 – Alex Katz. <i>Black Hat 2</i> , 2010.....	24
• Figura 10 – Rayza Orlando. Sem título, 2018 Têmpera vinílica sobre compensado. 40 x 30 cm.....	25
• Figura 11 – Rayza Orlando. Sem título, 2018 Têmpera ovo sobre compensado. 30 x 30 cm.....	26
• Figura 12 - Rayza Orlando. Sem título, 2018. Óleo sobre tela. 30 x 30 cm.....	27
• Figura 13 – Ana Elisa Egreja. <i>Banheiro rosa com polvos</i> , 2017.....	28
• Figura 14 – Rayza Orlando. <i>Mulheres No banheiro</i> , 2019. Aquarela sobre papel 7x7 cm.....	29
• Figura 15 – Rayza Orlando. <i>Mulheres No banheiro</i> , 2019. Aquarela sobre papel 7x7 cm.....	30
• Figura 16 – Rayza Orlando. <i>Mulheres no Banheiro</i> , 2020. Acrílico sobre tela, 10 x 12 cm.....	32
• Figura 17 – Rayza Orlando. <i>Reflexo</i> , 2022. Acrílica sobre tela. 100 x 80 cm.....	35
• Figura 18 – Rayza Orlando. <i>Reflexo</i> , 2022. Acrílica sobre tecido. 115 x 75 cm.....	36
• Figura 19 – Adriana Varejão. Projeto para Instalação - <i>Reflexo de Sonhos no Sonho de Outro espelho</i> . (Estudos sobre o Tiradentes de Pedro Américo), 1998.....	37
• Figura 20 – Rayza Orlando. Sem título, 2022. Tinta spray sobre azulejos. 8 x 8 cm.....	38
• Figura 21 – Rayza Orlando. <i>Eu Comigo</i> , 2022. Acrílica sobre tela. 100 x 175 cm.....	39

REFERÊNCIAS

ALBERTINA. **Alex Katz. Desenhos, Desenhos Animados, Pinturas. Coleção Albertina.** 2014. Disponível em: <https://www.albertina.at/en/exhibitions/alex-katz/> Acesso em 12 jun 2023.

BARRETO, N. M. O corpo feminino nas artes visuais: nudez, sexualidade e empoderamento. **PUC-Rio.** 2013. Disponível em <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/23052/23052.PDF>>. Acesso em: 19 jun. 2023.

CANTON, K. **Espelho de Artista.** 1ª ed. São Paulo. Editora SESI-SP. 2017. ISBN 9788550404929

CASA VOGUE. MostrasExpos. Por Paula Jacob. Foto Filipe Berndt. 2017. Disponível em: <https://casavogue.globo.com/MostrasExpos/Arte/noticia/2017/03/ana-elisa-egreja-inaugura-segunda-individual-na-galeria-leme.html> Acesso em 25 jun 2023.

CHEVALIER, J. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números.** Edição revista e atualizada por Carlos Sussekind; tradução Vera da Costa e Silva ... [et al.]. - 37ª ed. - Rio de Janeiro: José Olympio, 2022.

CONCEITO.DE Diário de Bordo, 2023. Disponível em: <https://conceito.de/diario-de-bordo> Acesso em 7 de jun 2023.

CRUZ, A. D. Memória Social e Experiência Poética em Adélia Maria Woellner, Arriete Vilela e Virgínia Vendramini. **Revista Guará**, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 27-45, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/guara/article/view/1736> Acesso em 03 de jun 2023.

IMBROISI, M. História das Artes. **Os Azulejos de Adriana Varejão.** 2017. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/os-azulejos-de-adriana-varejao/#:~:text=Pode%2Dse%20dizer%20que%20os,encantamento%20a%20cada%20novo%20despertar.> Acesso em 07 jun 2023.

JJI VIDROS. **História do espelho: saiba como surgiu.** 2021. Disponível em: <https://www.jjividros.com.br/noticias/post/como-surgiu-o-espelho/#:~:text=O%20reflexo%20da%20imagem%20sempre,de%20fazer%20isso%3A%20o%20espelho.> Acesso em 19 jun 2023.

LE GOFF, J. **História e Memória**. 1924, tradução Bernardo Leitão ... [et al.] Coleção Repertórios. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1990. ISBN 85-268-0180-5 20. CDD – 907.2

MATOS, P. de; SCORTEGAGNA, P. E. Poética e Memória: Objetos-Lembrança, Afetividade e Identidade. **Revista Conhecimento Online**, [S. l.], v. 2, 2013. DOI: 10.25112/rco.v2i0.228. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistaconhecimentoonline/article/view/228> Acesso em: 3 jun. 2023.

MAZZOLA, R.B. Entre o corpo e o espelho: a re(a)presentação de Vênus Between the body and the mirror: the re-presentation of Venus. **Todas as Musas.Org**. ISSN 2175-1277 (on-line) Ano 03 Número 01 Jul-Dez 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/3050893/Entre_o_corpo_eo_espelho_a_re_apresenta%C3%A7%C3%A3o_de_V%C3%AAnus_2011 Acesso em 15 jun 2023.

MELLO, R. L. S. **O processo criativo em arte: percepção de artistas visuais**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia. Repositório Institucional PUC-Campinas. 2008. Disponível em: <https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/handle/123456789/15624> Acesso em 06 jun 2023

MELLO, R. L. S. Processos criativos de artistas visuais. **Revista Trama Interdisciplinar**, [S. l.], v. 3, n. 1, 2012. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/5004>. Acesso em: 6 jun. 2023.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Memória. Disponível em: [Memória | Michaelis On-line \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/michaelis/) Acesso em 03 jun. 2023.

O BRASIL COM S. Arte. Tiradentes. **Adriana Varejão**. 2013. Projeto para Instalação - Reflexo de Sonhos no Sonho de Outro espelho. (Estudos sobre o Tiradentes de Pedro Américo)- (1998). BRASIL COM S, 2013. Disponível em: <https://www.obrasilcoms.com.br/2013/07/adriana-varejao/> Acesso em 07 jun de 2023.

P55 MAGAZINE. **A vida e obra da artista britânica Jenny Saville**. 2023. Disponível em: <https://www.p55.art/blogs/p55-magazine/who-is-jenny-saville> Acesso em 07 jun 2023.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em:

<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080> Acesso em 03 jun 2023.

POSADA, R. Art.E Tudo sobre arte! História, movimentos, culturas e artes de passagem e presente que mudaram e influenciaram o mundo da arte. **Jenny Saville**. 2011. Disponível em: <https://rocio-arte.blogspot.com/2011/12/jenny-saville.html?m=1> Acesso em 12 jun 2023.

RAUEN, R. M.; MOMOLI, D. B. Imagens de Si: O Autorretrato Como Prática de Construção da Identidade. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 51-73, 2015. DOI: 10.5965/198431781112015051. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/6157>. Acesso em: 25 jun. 2023.

REBESCO, V. L. A. Encantamentos, estranhezas e ficções: o doméstico nas obras de Ana Egreja. **Estado de Alerta!** 2020 Encontro ANPAP Sudeste de Jovens Pesquisadores, Niterói, Rio de Janeiro - ISBN - 978-65-990419-0-7 Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/80477617/Capitulo_no01-libre.pdf?1644337890=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DPaulo_Menten_e_os_mundos_da_gravura_em_S.pdf&Expires=1687711960&Signature=VqmQR6I478gmHz4RDjSZOMnbRFejNIIFUpIWLc1MOZw3ztaiLJYLWT5QHcASYORH21espfaH1lxnuqzj8eoFpmKqQxI7Gdr4BDCoBru1IiVvCA3TT3pIJxe56vygP6gx4uJjZegyh79beuHVPa70xECHyMyYJK7GLZgFt5ntpBBRX4gn4M2ox1MjuFgI8o-3wEWniho5vj4cSC8PeM6moweOnj5zqdUbBwgFdbQ1A5cUBfVr1oxNeosHSwJlI9ljVhL0hI93I5zzOch8a16oSl457Wr1kLc8s~RylTjIAHKbU8agTWfY9ZbRJnqstYJFnBQS~O96XUzf8dhPRCVkQ_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA#page=103 Acesso em 25 jun 2023

SALLES, C. A. **Gesto Inacabado: processo de criação artística**. 5ª. ed. São Paulo: Editora Intermeios, 2011. ISBN: 978-85-64586-07-9

SARZI-RIBEIRO, R. O Corpo Fragmentado e a Fotografia Digital na Obra de Adriana Varejão. **Revista Digital Art&** - ISSN 1806-2962 - Ano VI - Número 10. 2008. Disponível em: <http://www.revista.art.br/site-numero-10/trabalhos/28.htm>. Acesso em 16 jun 2023.

SILVA, T.G; LAMPERT, J. A Relevância do Diário na Prática Artística e Docente. **ANPAP. 24º Encontro da ANPAP. Compartilhamento na Arte: Redes e Conexões**. Santa Maria, RS. Setembro 2015. Disponível em: https://anpap.org.br/anais/2015/comites/ceav/tharciana_goulart_da_silva_jociele_lampert.pdf. Acesso em 07 jun 2023.

TÁVORA, F. **Diário de Bordo** – Estabelecimento de Texto. Vol II. 1960. Publicação realizada no âmbito de Guimarães 2012 Capital Europeia

de Cultura, área do Pensamento, programada por João Serra, e do projecto Fernando Távora Modernidade Permanente, coordenado por Álvaro Siza e Rita Marnoto. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/43420>

VENÂNCIO, V. G. **A potência do fragmento: considerações sobre o corpo feminino**. 2019. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/26893>